

(IN)TOLERÂNCIA: QUAL O FORMATO DO SEU PRECONCEITO?

Liliane Aparecida Freitas Lins ¹

Patrícia Cristina de Aragão ²

INTRODUÇÃO

A pesquisa realizada através do programa Residência Pedagógica, financiado pela Capes, tem por intuito demonstrar como os jovens de uma escola pública, estando em um ambiente similar, ainda assim podem ter demonstrações diversas, ou seja, podem aceitar ou não um tema proposto para se estudar em sala, no presente caso, o tema geral, trabalhado foi sobre história afro-brasileira.

A Escola Estadual em Ensino Fundamental e Médio Monsenhor José Borges de Carvalho, em questão encontra-se no município de Alagoa Nova, no estado da Paraíba. Funcionando nos três turnos, sendo os ensino da manhã e tarde com séries regulares e o ensino noturno destinado aos alunos da modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos). A escola busca trazer sempre temas de relevância em seus eventos e aulas para repassar aos/as alunos/as e assim possibilitar subsídio para que os mesmos possam modelar e reconstruir ideias que sejam ultrapassadas, tais como a intolerância, o preconceito, entre outras construções que no atualmente não deveriam estar presentes na sociedade.

As turmas trabalhadas foram dois oitavos anos do ensino fundamental dois, porém uma turma está matriculada no período da manhã e outra durante à tarde, as aulas consistiram no ensino de história, voltadas para o ensino da cultura afro-americana, todavia, junto a turma da manhã se trabalhou o processo de intolerância brasileira com relação as religiões de matriz africana, com a produção de quadrinhos ao final da aula, enquanto com a turma da tarde foi utilizada o estudo e confecção de máscaras africanas, através de ambas a aulas objetivou-se descobrir qual a reação, compreensão e conhecimento dos estudantes sobre os temas.

Por meio das aulas foi possível perceber quão diferentes foram as reações em ambas as salas e como isso pode contribuir para que as aulas ocorram da melhor maneira ou não, junto aos/as professores/as. Foram utilizados para pesquisa teórica Mircea Eliade (1972), de forma a se trabalhar o conceito de religiosidade e como isso pode ser visto na sociedade atual; Circe Bittencourt (2008), com o estudo sobre ensino de história.

¹ Graduanda do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba - PB, Liaflins@gmail.com;

² Professora doutora do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba - PB, Cristina-aragão21@hotmail.com

Justifica-se traçar a caminhada da pesquisa, por serem temas que a lei 11.645/2008, que trabalha com a obrigatoriedade de se ensinar o tema afro-ameríndio nas escolas de ensino básico brasileiro. De modo que foi possível perceber que mesmo com essa obrigatoriedade, os estudantes ainda conhecem pouco sobre outros povos, enquanto alguns buscam lapidar seus conhecimentos, há aqueles que tem preconceitos mais acentuados, foi possível concluir assim quão importante pode ser esse trabalho, de modo a trazer uma contribuição maior a escola e aos seus/as alunos/as.

Objetivou-se trabalhar com tema de intolerância religiosa e máscaras africanas para, compreender o que os/as alunos/as sabiam sobre as temática, explanar o assunto de forma sucinta e buscar levar novos conhecimentos. O trabalho foi desenvolvido a partir de aulas dialogadas assim como com a produção de histórias em quadrinho na primeira turma e a produção de máscaras africanas na segunda.

Foi possível assim concluir que por meio de ambas as atividades cada turma reagiu de forma diferente, enquanto a turma da manhã demonstrou uma recepção proveitosa sobre o assunto, mostrando interesse e participação durante a atividade, a turma do contra turno apresentou dificuldades em trabalhar a temática, causando um certo desconforto durante a execução das aulas.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

As aulas ocorreram inicialmente por meio de exposição de slides, em ambas as turmas. Com a turma do oitavo ano, do turno da manhã, foi explanado o que é intolerância e preconceito acerca de religiões de matriz africana, qual o significado da umbanda e o surgimento da mesma, os principais elementos da religião, que é brasileira e busca elementos em outros credos, para assim ser formada. Durante a exposição se optou por explicar alguns dos principais elementos da umbanda como seu hino, a presença de entes queridos que auxiliam na caminhada espiritual dos adeptos, assim como a figura dos orixás e de que dentro do credo existe espaço para o Deus cultuado na igreja cristã. Após esses apontamentos, se trabalhou com a presença dos orixás em histórias em quadrinho e como elas estão ganhando força na web e no mundo real, por meio de dois cartunistas, Carlos Ruas que tem um site voltado para histórias que trabalhem com os principais deuses de inúmeros panteões, tais como o cristão, hindu, romano, grego, ameríndia, além de outros credos, além de elementos do ateísmo com figuras como Darwin, Freud, entre outros. O segundo cartunista foi Hugo Canuto que produziu uma graphic novel dos orixás, onde esses são representados como super-heróis, contando-se a origem, principais elementos das

características de cada divindade e como eles salvam as aldeias de desgraças naturais ou de mau feitores.

A cada explicação dúvidas surgiam entre os alunos e assim eram resolvidas, aos final da aula foi pedido para que cada integrante da turma desenhasse um quadrinho onde se trabalhasse com a ideia de intolerância religiosa, que eles tenham vivenciado, presenciado ou que eles imaginassem, eles poderiam utilizar qualquer elemento daqueles que tinham sido explanados, fossem os entes queridos, os orixás, ou elementos da umbanda ou candomblé que não estão presentes em outras vertentes religiosas.

Com a turma do oitavo ano do período da tarde, o elemento trabalhado foram as máscaras africanas. Por meio de aula expositiva e dialogada, com auxílio de slides, foi mostrado como as máscaras são importantes dentro do território africano e como elas constroem características próprias de cada comunidade, se mostrou quais os lugares na África que ainda hoje utilizam a máscara como um item para religiosidade, eventos de combate, de tradição cultural. Dentro da aula foi explicada a historiografia por trás das máscaras, a importância das mesmas, além dos significados de seus formatos e tamanhos, importância dos desenhos, por quem podem ou não ser utilizadas as máscaras, como as mesmas são feitas, e para quem são produzidas.

Ao final foi entregue para a turma moldes de máscaras feitas com material reciclado para que os jovens produzissem suas próprias máscaras inspiradas nas africanas. Os materiais reciclados foram jornal, cola “lambe-lambe” e bolas de assopro. Essa montagem inicial foi feita pela residente do programa de história, que levou o molde das máscaras já prontas, o motivo foi de que a cola precisaria de um tempo relativo grande para secar e assim endurecer o papel. O processo para se confeccionar uma máscara de jornal é, com a bola de assopro cheia, é espalhada a cola de “lambe-lambe” ou cola branca por toda a extensão da bola, colocando as tiras de jornal por toda a bola, esse processo é feito mais três ou quatro vezes na mesma bexiga, de modo que seja criada uma camada grossa de jornal e cola. Esperasse secar a cola, e assim se corta o molde, que agora se transforma em duas máscaras para poderem ser trabalhadas com materiais como tinta, purpurina, canetas hidrocor, entre outros materiais que possibilitem a pintura do material.

Quando o material chegou para a turma, eles utilizaram tinta guache e pincéis para que por meio de inspiração nas máscaras africanas apresentadas durante a aula através dos slides,

os estudantes pudessem produzir as suas próprias artes. O resultado final resultou em trabalhos interessantes, com características próprias.

DESENVOLVIMENTO

Discutir a cultura afro-brasileira nem sempre é fácil, seja por um histórico de quase trezentos anos de escravidão, e que mesmo nos dias atuais não cessou ainda, ou ainda por um preconceito velado, mas que nos últimos anos tem aparecida tanto. A negritude, sempre foi esquecida, sucateada e afastada da sociedade brasileira que ambicionava ser branca de alma e de pele.

Quando o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) surge, por volta do século XIX, já se busca formar uma história onde o negro é aquele ser desprovido de conhecimentos, história, sempre passivo às vontades daqueles que se diziam seus senhores. Segundo, inclusive, para os estudiosos da época, não só negros, como também os ameríndios iriam desaparecer em determinado ponto da história, era um opinião unânime, fosse por aqueles que era à favor ou contra a presença desses povos no Brasil. Indo de encontro a todas as apostas negativas, tanto negros como índios se mantiveram e lutaram por seus direitos, como sempre fizeram, mesmo que sendo marginalizados.

Os movimentos de militantes negros ano após ano vem crescendo e obtendo espaços em locais públicos e de visibilidade, embora seja necessário explicitar que a luta ainda é árdua e por vezes desgastante.

Um tema que incomoda muitas pessoas é a religiosidade afro-ameríndia, deixando um discurso marcante que religiões de origem afro-brasileiras são ligadas ao culto para o mal, correlacionando a figura de Lúcifer, o anjo caído e senhor do submundo, na visão escatológica do cristianismo, principalmente nas escolas de ensino básico é melhor aceito por pais ensinar sobre o cristianismo do que sobre qualquer outra vertente, isso porque se considera doutrinação para esses jovens que estão começando a viver agora, e é nesse momento que é possível perceber crianças e jovens, com preconceitos e falas, que para indivíduos tão jovens não deveria ser normal. Trabalhar com temas como terreiros de candomblé e umbanda podem causar curiosidade como também repulsa nos/as discentes, assim como o mesmo pode acontecer com cultura de máscaras africanas.

Para Mircea Eliade (1972), o processo de tentar se conectar com o que ele chama de “Entes Queridos” ou “Entes Sobrenaturais”, é justamente de buscar conhecimento, se tornar contemporâneo daqueles que um dia estiveram em vida carnal e agora passam para o outro

plano, mas ainda retornam para atuar junto aos vivos, e é isso que a umbanda e o candomblé fazem, elementos que ambas incorporaram do espiritismo de Alan Kardec.

Aos que estão longe da cultura do “outro” parece existir sempre uma ameaça, e é a partir desse momento que o preconceito toma sua forma mais hedionda, a de machucar seja física ou psicologicamente o outro. Pela lei número 9.459/1997, crimes como intolerância religiosa, preconceito contra cor e raça torna-se passíveis de punição em cárcere de 1 à 3 anos, podendo ter pagamento de fiança; ainda assim o Brasil é um dos países com maiores índices de preconceito, seja velado ou explícitos.

Cabe assim que em meio ao ambiente escolar essa situação de pouco em pouco possa ser revertida pelos profissionais que nela estão, tendo em vista que em uma mesma sala nenhum indivíduo é igual ao o outro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante as aulas foi perceptível como os jovens inseridos em uma realidade similar, no presente caso a escola pública, podem ainda assim, agir de formas extremamente diferentes. Enquanto na turma da manhã a grande maioria dos/as alunos/as foi receptível com relação ao aprendizado sobre religiões diferentes da sua, isso porque a maioria da sala respondeu ter credo voltado em suma para práticas cristãs. A turma prestou atenção, foi participativa, questionadores sobre assuntos que não conseguiam compreender e agindo de forma respeitosa com aquele novo elemento que estava sendo apresentado para os mesmos.

Com a turma do período da tarde foi um desafio maior a apresentação da aula, isso porque a maioria dos/as estudantes não estavam de suma interessados/as naquele momento em aprender algo sobre ancestralidades, ter percepção acerca da visão alheia, perceber que muito do que está presente na cultura africana contribui diretamente para a cultura brasileira, foi um momento conturbado o da aula expositiva, assim como o da confecção da pintura, pois a grande maioria não se interessou pela aula e também não desejava pintar, porém depois de um pouco de conversa para o incentivo eles/as fizeram o trabalho, ainda assim a resistência existiu do começo ao fim da aula.

Dessa maneira ficou claro de que mesmo a aula por vezes possuindo uma metodologia diferente, onde o professor tenta trazer elementos novos, vai depender muito da turma e de como ela quer receber aquele saber, onde algumas podem aceitar, deixando assim a troca de experiência entre o/a professor/a mais interessante e enriquecedor, assim como a aula pouco pode fluir trazendo uma sensação de frustração aos/as mestres/as.

É importante considerar conhecer a turma antes, para assim ter planos para caso um modelo de aula não dar certo existir outras maneiras para que tudo ocorra da melhor forma e não desgaste tanto o profissional, se por acaso não for possível ter esse contato prévio é importante conversar com outros/as professores/as, que dão aulas na turma em questão, para se conhecer um pouco do perfil daquelas/as alunos/as e saber como proceder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode considerar-se assim que, cada experiência em sala de aula torna-se única, ou seja, cada turma tem um perfil específico reagindo bem ou não sobre certos temas explanados, dessa maneira foi perceptível que, enquanto o oitavo ano da manhã agiu com grande entusiasmo acerca da temática sobre religiosidade afro-brasileira e quadrinhos, o oitavo ano da tarde não teve interesse sobre as máscaras africanas, de modo a não perceberem como esse tema está entrelaçado a formação do povo brasileiro, se mostrando presente atualmente em festividades que envolvem a cultura brasileira assim como em trabalhos artísticos.

É pertinente que mais momentos como esses sejam trabalhados, com outras turmas, inclusive de faixa etárias diferentes para que assim se possa observar como o trabalho é desenvolvido e percebido por outras pessoas.

Deve-se ter em mente que os/as alunos/as tem seus próprios preconceitos e formação familiar, o que por vezes pode facilitar a interação com o “diferente” ou ainda criar uma repulsa muito forte de modo a não abrir um espaço para a empatia com os outros.

Palavras-chave: Educação; História; Ensino afro-brasileiro; Negritude; Religiosidade.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Rodrigo. **Máscaras Africanas**. Disponível em: <http://www.caminhosancestrais.com.br/index.php>. Acesso em 28 de ago. 2019.
- ALBANESE, João. Audácia: a tua revista eletrônica. Destaques/Janela Cultural / Fevereiro 1998. **Máscaras africanas**. Disponível em: <http://www.audacia.org/cgi-bin/quickregister/scripts/>. Acesso em 28 de ago. 2019.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- CANUTO, Hugo. **CONTOS DOS ORIXÁS**. Disponível em: <https://hugocanuto.com/gallery/contos-dos-orixas-ales-of-the-orishas/>. Acesso em: 18 set. 2019.
- ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- RUAS, Carlos. **Um Sábado Qualquer**. Disponível em: <https://www.umsabadoqualquer.com/>. Acesso em: 18 set. 2019.

